Exma. Comissão Organizadora
Os nossos líderes políticos, compatriotas e irmãos.

Esta primeira convenção marca uma etapa importante da nossa caminhada para a Liberdade.

E revela a capacidade de um Povo que não se deixa dominar fácilmente pelo seu invasor.

E testemunha a vontade de um Povo que luta estoicamente para conseguir a paz e liberdade a que tem direito.

Gostaria por isso que a minha voz fosse como o trovão que troasse pelas montanhas e ravinas de TIMORLOROSAE para transmitir aos nossos guerrilheiros, uma mensagem de admiração, de solidariedade e de confiança.

Que troasse até à cadeia de Cipinang a transmitir uma mensagem de admiração e solidariedade ao Líder Histórico, Comandante KAIRALA XANANA e todos os COMPATRIOTAS que se encontram nas prisões da Indonésia.

Que transmitisse uma mensagem de apoio à frente clandestina e ao nosso Povo uma Fé forte em Deus Altíssimo que não nos abandonará nesta luta pela nossa auto-determinação.

Para os que já passaram desta vida para a outra, desde o combatente anónimo até aos combatentes Nicolau Lobato, David Alex, Coni Santana, Carmo Araújo, Vicente Reis, César Mousinho, Monsenhor Martinho da Costa Lopes, a Paz do Senhor.

A razão de ser desta Convenção está na luta pela libertação da nossa Pátria, ocupada por um regime expancionista e neocolonialista no limiar do século XXI.

Convém por isso conhecer o nosso inimigo, a sua dimensão política, social e económica e bem como a nossa identidade histórica, afim de

podermos redefinir conscientemente uma estratégia nacional mais adequada e eficaz para conseguir a vitória final.

Somos um Povo que é senhor e dono de TIMORLOROSAE. Uma ilha diferente das ilhas do Arquipélago da Indonésia, em termos da sua posição geográfica e da sua formação sócio-cultural-religiosa.

TIMOR constitui, por assim dizer, uma autêntica aberração geográfica, etnológica, cultural e política, na constelação das ilhas que povoam a Insulíndia e a Melanésia. Geográficamente, TIMOR tem uma posição que destoa da harmonia do conjunto do arquipélago da Indonésia, pois, enquanto as restantes ilhas se encontram numa posição horizontal e paralela ao equador, TIMOR apresenta uma posição oblíqua, quebrando a disposição relativamente uniformizada de todo o arquipélago. E, felizmente, tal disposição salva e livra TIMOR da cadeia de natureza vulcânica que une e afecta as restantes ilhas.

Donde se conclui que até em termos geográficos, TIMOR não está em sintonia com o arquipélago da Indonésia.

No contexto etnológico, o nativo de TIMOR distancia-se dos seus vizinhos, quer asiáticos, quer melanésios.
Em relação ao vizinho que é a Austrália, o Timorense é lavrador, enquanto o aborígine australiano ainda hoje é nómada.
Diferente dos habitantes da Papua da Nova Guiné na constituição fisiológica assim como na indumentária, usos e costumes.

E quanto aos vizinhos da Ásia a diferença é ainda mais acentuada. As grandes correntes religiosas como o budismo, o induismo, o islamismo que têm grande impacto em todas as ilhas do arquipélago, modelando as tradições, usos e costumes dos seus respectivos povos, tais correntes religiosas, não têm influência sobre o Timorense.

Mesmo os grandes impérios indo-javaneses que surgiram no século X como o Srivijaia, e, no século XV, o império Majapahit não afectaram a vida social e política do Timorense. TIMOR encontra-se, por assim dizer, fora das zonas de influência dos impérios que ao longo dos séculos surgiram no Arquipélago da Insulíndia.

Dir-se-ia que TIMOR se encontra na periferia das grandes linhas da navegação da época, numa linha de transição da Ásia para a Melanésia, numa posição privilegiada em que a ilha fica embalada pelo Índico e Pacífico.
É isso que leva os antigos compêndios de Geografia a ensinar que TIMOR era a possessão portuguesa que fica na "Oceania".

Precisamente esta especificidade geográfica de TIMOR irá, a nosso ver, determinar e condicionar o comportamento e postura do Timorense em relação a todo e qualquer estranho que demanda as suas praias.
Tal postura, consiste em suspeitar de todo o estrangeiro que se aproxima, para se certificar primeiro - se vem com boas intenções será bem vindo, de contrário será repelido e rejeitado – pois, o Timorense, é por natureza turbulento e irrequieto para com o seu inimigo; mas aberto e leal para com aquele que considera como amigo.
E os vizinhos nem sempre foram amigos.

Na história da humanidade, não é tão fácil encontrar um Povo tão assediado por tantos contratempos, desde a era pré-colonial, colonial, a II Guerra Mundial e o pior de tudo a invasão e ocupação da Indonésia.

Igualmente é difícil encontrar um Povo que revela tanta capacidade de resistir a todas as tentativas que pretendem despersonaliza-lo física e moralmente.

Ele bem testemunha que nenhuma força exterior, por superior que pareça, o possa dominar facilmente sem o seu consentimento. E tal capacidade de resistir é tanto mais surpreendente quanto mais tirânica e virolenta a força do inimigo. Pois o seu fervor pela autonomia, perante o domínio estrangeiro, ultrapassa toda a expectativa.

Não admite que nenhuma vantagem material possa justificar um domínio estrangeiro, pois medidas governamentais por mais benéficas que fossem tinham que ser encaradas como meios de opressão, porque vinham de um poder estrangeiro.

Quanto à Indonésia pode-se afirmar que a crise económica política e social que está a flagelar a Indonésia tem as suas causas remotas na própria unificação política forçada de todo o arquipélago sobre a hegemonia de Java.

Na era pré-colonial não existia uma unificação política de todo o arquipélago da Insulíndia, pois as ilhas como Sumatra. Celebes, Molucas, Bornéu, etc. tinham, como hoje têm, a sua identidade histórica, cultural e sócio-política.

Foi a Holanda, o país colonizador que pela força das armas, uniu todo o arquipélago para poder controlar melhor.

E o fundador da Indonésia – Sukarno - que apesar de ser anti-holandês em tudo, não criticou nem rejeitou essa unificação política.
Recebeu-a como herança colonial, passando-a depois ao seu sucessor - Suharto.

Esse processo de unificação foi feito à custa de revoluções, guerra civil, prisões, sangue e carnificina maciça de cidadãos inocentes e inofensivos. Criou-se um sistema repressivo para fazer calar todos os críticos e oponentes a fim de proteger a corrupção, em benefício de familiares e amigos da classe governante.

A Indonésia progrediu materialmente devido aos seus imensos recursos naturais e uma mão de obra barata e "disciplinada".

E os seus tecnocratas conseguiram fazer progredir economicamente a Indonésia para pertencer à classe dos tigres da Ásia e projectar a Indonésia para a categoria de país industrial.
Mas houve erros fundamentais que estão na origem da causa próxima da crise ou crises que agora afectam a Indonésia.

Economicamente a riqueza da nação não foi distribuída igualmente segundo os méritos ou necessidades, mas segundo as cores políticas ou laços familiares.

20% da população controla 80% da riqueza, e, 80% da população tem acesso apenas a 20% das riquezas.

E politicamente nada mudou. Mantém-se em vigor um sistema retrógrado e repressivo. A falta de uma estrutura política democrática faz com que todo o governo da nação depende de um só homem.

E assim o presidente Suharto tem um poder incontrolável. Praticamente ele controla o poder legislativo, judicial e executivo.

Criou-se uma cultura de violência e medo para manter a unidade política da Indonésia, e, uma mentalidade corrupta para favorecer o cronismo e o nepotismo.

Mas se a História é mestra da vida, os governantes da Indonésia não são bons alunos da História.

Tentaram ignorar que toda a unidade política feita pela força, cedo ou tarde desintegrar-se-á.

A recente desintegração da poderosa URSS pode ser um aviso para os governantes de Jacarta.

E a sangrenta desintegração da Jugoslávia, passa despercebida ao regime de Suharto.

E o declínio trágico de Ferdinando Marcos das Filipinas, também não sensibilizou Suharto e os seus cronis.

E a teimosia de não tirar ilações da História poderá custar cara a todo o povo indonésio que está a atravessar uma conjuntura difícil da sua história.

O tigre da Ásia está a depender da ajuda económica internacional.
A vida torna-se dura e insuportável para os cidadãos menos beneficiados economicamente e que são a maioria. Pois a rupia sofreu uma desvalorização sem precedentes.

Aumentou o descontentamento e generalizou-se em todas as ilhas. Há uns meses atrás era "tabú" criticar o presidente Suharto. Hoje é o "pão nosso de cada dia" para os estudantes universitários.

O gigante que nos oprime e explora está a enfrentar um conjunto de crises, que só podem ser ultrapassadas com mudança de regime, a médio prazo,

Se os líderes das outras ilhas da Indonésia estiverem conscientes da causa das crises poderão contribuir para uma desintegração da república da Indonésia.

A Indonésia unificada já sofreu, num período de 50 anos, duas crises - no tempo de Sukarno e agora Suharto – o que faz questionar a própria razão de ser da unidade política.

Com os conhecimentos que temos a respeito do nosso inimigo, o regime de Suharto, nâo de todo o povo indonésio, vamos redefinir a nossa estratégia para responder as crises que estão a afectar o regime autoritário e represivo de Suharto.

Toda a estratégia que fôr traçada terá como prioridade o bem geral de TIMORLOROSAE, que está acima de todos os interesses partidários e pessoais.

Evitaremos aquilo que nos divide e agarremo-nos aquilo que nos une: LIBERTAÇÃO DE TIMOR.

O nosso "loby" no estrangeiro deve realçar que todo o apoio dado ao regime de Suharto contribui para perpetuar o sofrimento do POVO TIMORENSE. Pois o regime de Suharto não hesita em esmagar vidas inocentes, quando os interesses económicos dos seus familiares e amigos estão em causa.

Sensibilizar as organizações humanitárias internacionais para ajudar TIMOR a enfrentar as carências e necessidades que estão a grassar a nossa Terra.

Ao nível da EDUCAÇÃO há que apoiar e estimular os nossos jovens a prosseguirem os seus estudos, a fim de podermos dispor de quadro de técnicos competentes para o TIMOR DO FUTURO.

Haverá ainda que pressionar a criação e instalação de centros de formação profissional de mão-de-obra especializada, que responda as necessidades actuais e futuras da nossa terra.

Criação de uma estrutura social de apoio a reabilitação e integração dos refugiados timorenses na sociedade a onde chegam, por forma a que possam ter condições mínimas de sobrevivência e terem estímlos para poderem singrar também na vida.

Na área da SAÚDE é necessário criar mais centros de saúde e hospitais, que garantam a assistência às populações.

Promover e divulgar a CULTURA TIMORENSE como alma de um Povo e arma eficaz na luta a que somos obrigados a enfrentar.
Os vinte anos de luta ultrapassa todas as expectativas quer do estrangeiro quer do Timorense. Há vinte anos não se esperava que TIMOR sózinho tivesse a capacidade de resistir a uma das maiores potências da Ásia ainda apoiada por vários países ocidentais.

A intenção é propiciar o debate sobre o destino de TIMOR LESTE, como POVO e como NAÇÃO, com uma identidade cultural própria e uma língua da matriz portuguesa.

É com orgulho, prazer e emoção que passamos a registar e realçar alguns dos resultados posítivos dessa luta.

- conscencialização da UNIDADE NACIONAL e criação da nossa identidade como POVO;

- fortalecimento dos elos de confiança e solidariedade entre os Timorenses do interior de TIMORLOROSAE e os Timorenses da diáspora;

- defesa dos princípios sobre a "QUESTÃO DE TIMOR LESTE" definidos pelo Estado Português e pela Organização das Nações Unidas;

- defesa da auto-determinação e independência para TIMOR LESTE;

- defesa dos direitos humanos em TIMOR LESTE;

- conversão em massa a Religião Católica e autonomia da nossa Igreja com a criação de novas Dioceses:

- conhecimento e experiência no mundo contemporâneo, pois os Timorenses na diáspora encontram-se em todos os continentes;

- o reconhecimento da legitimidade da nossa luta, pela Comunidade Internacional, com a atribuição de Prémios Nóbeis da Paz.

Conscientes dos nossos valores e conquistas, cerrando fileiras em volta do nosso Líder Máximo Kairala Xanana e com Fé e confiança em Deus, caminharemos na certeza da VITÓRIA FINAL.

Macau,23 de Abril de 1998

Pe. Francisco Fernandes